



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS PATOS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA NA
MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

MARIA DAS NEVES TIBURTINO LEITE

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DA ESCOLA NO CAMPO NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

PATOS – PB

2020

MARIA DAS NEVES TIBURTINO LEITE

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DA ESCOLA NO CAMPO NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Patos, Polo Itaporanga, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências e Matemática, sob a orientação do Prof. Me. Jefferson Flora Santos de Araújo.

PATOS – PB

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE PATOS/IFPB

L533p Leite, Maria das Neves Tiburtino
As práticas pedagógicas dos professores da escola no campo no contexto da pandemia da Covid-19 / Maria das Neves Tiburtino Leite . - Patos, 2020.
31 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática) - Instituto Federal da Paraíba, 2020.

Orientador: Me. Jefferson Flora Santos de Araújo

1. Educação do campo 2. Ensino Remoto 3. Prática pedagógicas I. Título.

CDU - 37:004

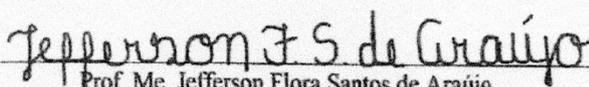
MARIA DAS NEVES TIBURTINO LEITE

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DA ESCOLA NO CAMPO NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**

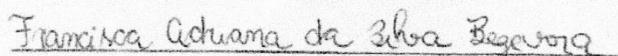
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora, do Instituto de Educação,
Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), para
obtenção do título de Especialista em Ensino de
Ciências e Matemática.

Patos, 30 de dezembro de 2020.

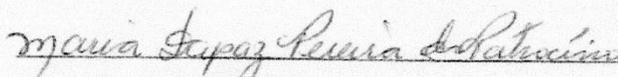
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Jefferson Flora Santos de Araújo
Orientador – IFPB



Prof.ª Ma. Francisca Adriana da Silva Bezerra
Avaliadora – IFPB



Prof.ª Ma. Maria Dapaz Pereira do Patrocínio
Avaliadora – IFPB

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DA ESCOLA NO CAMPO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Maria das Neves Tiburtino Leite

Jefferson Flora Santos de Araújo

IFPB/UAB

Curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática

RESUMO

As escolas, devido ao isolamento social, mediante a pandemia da COVID-19, precisaram dar continuidade ao ensino de forma diferenciada, buscando alternativas que envolvessem os alunos no processo formativo. Partindo deste pressuposto, este trabalho tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas dos professores na Escola Manoel Procópio de Araújo no contexto da pandemia da COVID-19. Tomamos como referencial teórico os estudos de Araújo (2017), Caldart (2004), Freire (1996), Valle e Marcom (2020), entre outros estudiosos que discutem a temática pesquisada. A metodologia pautou-se por uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa exploratória. O lócus da pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Procópio de Araújo, localizada no município de Olho D'Água/PB. Os sujeitos da pesquisa foram cinco professores e utilizamos como instrumento de coleta de dados a aplicação de um questionário aberto. Os resultados obtidos da pesquisa revelaram que as práticas pedagógicas da instituição estão sendo desenvolvidas por meio do aplicativo *WhatsApp*, bem como através de atividades impressas para os alunos que não possuem acesso à internet. As professoras estão utilizando diversas estratégias de ensino, como por exemplo, vídeos do *YouTube*, atividades xerocopiadas, utilização do livro didático, entre outros recursos que garantem o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. As maiores dificuldades nesse contexto das aulas remotas são: além do isolamento social e com isso, a ausência da interação física; as dificuldades de acesso à internet, bem como a falta de apoio das famílias com relação as atividades propostas para os alunos. Além disso, dá-se ênfase ao desafio de proporcionar uma educação que considere a realidade sociocultural dos alunos já que o ensino remoto não é uma proposta de educação adequada para a escola do campo, pois não proporciona a mesma condição de ensino para todos os alunos, e assim, alguns sujeitos são excluídos desse processo formativo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo. Ensino Remoto. Prática Pedagógicas.

ABSTRACT

Schools, due to social isolation, through the COVID-19 pandemic, needed to continue teaching in a different way, looking for alternatives that would involve students in the training process. Based on this assumption, this study aims to analyze the pedagogical practices of teachers at Escola Manoel Procópio de Araújo in the context of the COVID-19 pandemic. We take as a theoretical reference the studies of Araújo (2017), Caldart (2004), Freire (1996), Valle and Marcom (2020), among other scholars who discuss the researched theme. The methodology was guided by a qualitative approach, such as exploratory research. The locus of the research was the Manoel Procópio de Araújo Municipal Elementary School, located in the municipality of Olho D'Água / PB. The research subjects were five teachers and we used an open questionnaire as a data collection instrument. The results obtained from the research revealed that the educational practices of the institution are being developed through the WhatsApp application, as well as through printed activities for students who do not have access to the internet. Teachers are using various teaching strategies, such as YouTube videos, xeroxed activities, use of the textbook, among other resources that guarantee the development of the students' teaching and learning process. The biggest difficulties in this context of remote classes are: in addition to social isolation and with that, the absence of physical interaction; the difficulties in accessing the internet, as well as the lack of support from families in relation to the activities proposed for students. In addition, emphasis is placed on the challenge of providing an education that considers the socio-cultural reality of students since remote education is not an appropriate education proposal for rural schools, as it does not provide the same teaching condition for all students, and thus, some subjects are excluded from this formative process.

KEYWORDS: Countryside education. Remote Teaching. Pedagogical Practice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
2.1 CONCEITUANDO EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	7
2.2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19.....	10
3 METODOLOGIA.....	12
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	12
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA.....	13
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	14
3.4 INSTRUMENTO DA PESQUISA.....	14
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	29

1 INTRODUÇÃO

A nossa inquietação acerca do tema práticas pedagógicas nas escolas do campo em tempos de pandemia surgiu a partir da experiência da pesquisadora, como sujeito natural do campo e professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental há mais de 23 anos no município de Olho D'Água/PB e, atuando atualmente, como coordenadora pedagógica das escolas do campo no referido município.

A escola é um espaço pensado para o desenvolvimento dos sujeitos nos aspectos sociais, culturais, emocionais e intelectuais, seja na modalidade presencial ou virtual. Sendo assim, os professores, agentes de transformação e responsáveis por proporcionar um ensino voltado para a realidade dos alunos, necessitam inserir-se na dinâmica e espaço que o cenário atual exige. Nesse sentido, os professores precisaram ressignificar as suas práticas pedagógicas para dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem, buscando cumprir as 800 horas/aula referente ao calendário do ano letivo de 2020¹.

Diante desse contexto, as professoras das escolas do campo do município de Olho D'Água/PB adotaram uma nova estratégia de ensino para o desenvolvimento das aulas remotas. Utilizaram o aplicativo *WhatsApp* para integrar o conteúdo, promover a interação entre professor, alunos e famílias instigando o diálogo e a curiosidade, para que o conhecimento ultrapasse o aplicativo e transborde no ambiente familiar. Segundo Moran (2000, p. 13), “na sociedade da informação todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar e a aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social”. Dessa forma, este é o momento de descoberta, aprendizagem e adaptação para toda comunidade escolar, uma vez que estamos vivenciando um momento atípico e precisamos nos adaptar para dar continuidade a escolarização dos alunos.

Com o isolamento social, mediante a pandemia da COVID-19, se fez necessário, dar continuidade ao ensino de forma diferenciada, buscando meios que pudessem envolver a comunidade escolar, evitando maiores prejuízos na formação dos alunos do campo. Sendo assim, a escola sentiu a necessidade de estimular os professores a se reinventarem de maneira a suprir a necessidade do contexto.

Corroborando com essa ideia de reinvenção, Freire (1996, p. 32) ressalta que:

¹ As Atividades Pedagógicas no período de isolamento social, devido à Pandemia de COVID-19, estão sendo elaboradas em consonância com o Parecer 001/2020 do Conselho Municipal de Educação do município de Olho D'Água/PB.

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Portanto, o autor reforça a ideia de que o professor vive em constante mudança, buscando novos desafios, aperfeiçoando as práticas pedagógicas, trocando experiência e praticando a autoavaliação. O professor que não se reinventar quando necessário não é capaz de mediar o conhecimento para a construção de um sujeito ativo, crítico e participativo na construção da própria história.

Diante do exposto, passamos a fazer o seguinte questionamento: Como estão acontecendo as práticas pedagógicas dos professores nas escolas da zona rural, e mais especificamente na Escola Manoel Procópio de Araújo no contexto da pandemia da COVID-19?

Para responder essa questão, elencamos como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas dos professores na referida escola, definindo os seguintes objetivos específicos de investigação: Investigar quais as estratégias de ensino que os professores adotaram para o desenvolvimento das práticas pedagógicas no contexto da pandemia da COVID-19; Analisar se os professores estão enfrentando algumas dificuldades para o desenvolvimento das aulas no contexto da pandemia da COVID-19; Investigar ainda se os professores da Escola Manoel Procópio de Araújo no contexto da pandemia estão desenvolvendo práticas pedagógicas embasadas na realidade sociocultural do campo.

Consideramos o estudo da temática relevante, pois poderá contribuir de maneira significativa para a prática pedagógica desses professores, bem como suscitar novas reflexões sobre o ensino remoto que está sendo desenvolvido nas escolas do/no campo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITUANDO EDUCAÇÃO DO CAMPO

De acordo com Araújo (2017), a Educação do Campo surgiu das lutas dos movimentos sociais por uma educação voltada para a realidade dos povos do campo, tendo em vista que, durante muitos anos para que esses sujeitos pudessem aprender a ler, escrever e contar era algo tão distante das suas realidades. Nesse sentido, essa proposta de educação surge com o intuito de garantir aos povos pesqueiros, agricultores, agropecuaristas, comunidades ribeirinhas,

caiaçaras, extrativistas, quilombolas, assentamentos e indígenas (BRASIL, 2002) uma educação de qualidade e voltada para o contexto no qual estão inseridos.

De acordo com Araújo (2017, p. 17), “é preciso que escola seja comprometida com o processo formativo dos sujeitos do campo, que possua uma proposta pedagógica que considere todo o contexto social, político, econômico, cultural e ambiental dos alunos, dentre outros aspectos”. Para que o ensino nos espaços do campo aconteça de forma a satisfazer as necessidades de cada comunidade, é necessário que os governantes tenham sensibilidade para compreender e assegurar os direitos conquistados por esses povos, bem como, proporcionar políticas públicas que visem a garantia da permanência dessas pessoas no campo, fortalecendo sua identidade e criando condições de sobrevivência.

Corroborando com essa ideia, Fernandes (2004, p. 137), ressalta que:

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e sobretudo de educação.

Para tanto, compreende-se que é necessário um novo olhar para este espaço onde a educação acontece de forma insatisfatória para atender as necessidades deste público, uma vez que as reformas constitucionais que emanavam não favoreciam essas comunidades camponesas. Considerando que, o Brasil é um país de origem agrária tendo parte de sua economia no latifúndio, e a valorização das terras se obtém pelo trabalho bem planejado e explorado em cada setor de subsistência, se faz necessário, desenvolver políticas públicas que viabilizem um ensino qualificado para o campo, para que os filhos dos camponeses consigam estudar e buscar formação no âmbito de suas necessidades.

No que tange, a Educação do Campo, é preciso que:

Garantam o seu direito à educação e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito de ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais (CALDART, 2004, p. 149-150).

Nesse sentido, a Educação do Campo é uma proposta de educação voltada para a população camponesa, na qual garante que os conhecimentos sejam construídos com base na

sua realidade e cultura, bem como defende que os povos do campo não necessitam ir embora de suas terras em busca de melhores condições de vida e/ou trabalho.

No ano de 1996, com a promulgação da Lei nº 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação (LDB), norteia um caminho para adequação e valorização da população do campo ao propiciar organização escolar, adaptação no currículo e metodologia, como determina o artigo 28:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;

III – adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, p. 21).

Deste modo, a LDB (1996) estabelece que as escolas situadas nas comunidades do campo deveriam propor modelos pedagógicos que se adequem a realidade rural, com o calendário escolar flexível, baseado nas épocas de plantio, colheita, pesca, e outros meios de vivência desse povo, bem como incluir conteúdos com temas relacionados ao meio de convívio desses sujeitos.

Para a materialização de uma proposta voltada para o contexto do campo, se faz necessário pensarmos no Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas situadas nessa territorialidade, pois de acordo com Caldart (2004) apud Macedo e Coutinho (2016, p. 14):

O desafio para a construção do PPP, se desdobra em três aspectos fundamentais: O primeiro constitui-se manter viva a memória da educação do campo, dinamizando sua construção e reconstrução envolvendo seus próprios sujeitos; o segundo diz respeito à identificação das dimensões fundamentais da luta política a ser feita na atual conjuntura; e, por último, o desafio para a educação do campo deve construir o seu próprio PPP, abstraindo das experiências e dos debates, as ações norteadoras que possam orientar os educadores do campo sobre a prática coerente para a educação dos trabalhadores do campo.

Dessa forma, para a construção do PPP da escola devemos considerar os princípios básicos, envolver todos os profissionais da escola e situar a história de vida da população do campo. Além disso, o intuito de elaboração desse documento é para nortear o trabalho docente, e não para ser apenas arquivado na instituição. Nesse sentido, o PPP é um elemento fundamental para nortear o processo de ensino e aprendizagem das escolas do campo, com a finalidade de direcionar as práticas pedagógicas dos professores para desenvolver um ensino voltado à

realidade da comunidade escolar. Ainda sobre a importância do PPP, Demo (1998, p. 248) afirma que:

[...] Existindo o Planejamento Pedagógico, torna-se mais fácil planejar o ano letivo, ou rever e aperfeiçoar a oferta curricular, aprimorar expedientes avaliativos, demonstrando a capacidade de evolução positiva crescente. É possível lançar desafios estratégicos, como: diminuir a repetência, introduzir índices crescentes de melhoria qualitativa, experimentar didáticas alternativas, atingir posição de excelência.

Assim, o PPP é um documento burocrático e necessário, construído com a colaboração da comunidade escolar, visando melhorar o desempenho da instituição, pois facilita a ação-reflexão-ação do professor para agir de forma organizada e motivar os educandos na construção do seu próprio conhecimento, ou seja, estimular o sujeito a construir sua própria história com criatividade, criticidade e autonomia.

O currículo das escolas do campo deve ser construído pensando no sujeito a ser trabalhado, não faz sentido para o educando um conteúdo descontextualizado, é necessário possibilitar práticas educativas que envolva o cotidiano deste. As autoras Moreira e Candau (2007, p. 18), ressaltam que: “O currículo não deve ser visto como um aglomerado de conteúdo, mas como eixo estruturante do cotidiano escolar”. Sendo assim, o professor não deve conceber o currículo como uma sequência de conteúdos expostas no sumário dos livros didáticos para seguir fielmente, mas como um conhecimento estruturado para os sujeitos envolvidos.

Portanto, o professor precisa compreender o que é currículo, conhecer a realidade do público inserido na comunidade de trabalho e elaborar seu plano voltado para esses sujeitos, assim possibilitando um ensino que contemple a realidade sociocultural dos alunos camponeses.

2.2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Em março de 2020, iniciou-se a prevenção nas escolas, a fim de evitar a aglomeração de pessoas em decorrência da pandemia. Professores e alunos precisaram se adaptar a uma nova forma de ensino, viabilizado pelas tecnologias. Os professores não tiveram tempo e nem formação para utilizarem as ferramentas digitais necessárias, o que inicialmente dificultou o processo. Corroborando com essa ideia, Valle e Marcom (2020, p. 142) afirmam que:

A crise instaurada pela Covid 19 produziu nas escolas um cenário de muitas mudanças. Nesta esteira, apresentamos como um dos maiores desafios a

imposição da exigência de um novo perfil que devem ter os professores para ministrar aulas nesse contexto de contradições vivenciadas dentro e fora do espaço escolar.

Nessa perspectiva, os professores conheceram uma nova realidade de forma forçada pela situação, tiveram que se adaptar ao ensino remoto sem quaisquer preparação ou orientações prévias sobre a utilização de novas ferramentas metodológicas para substituir os recursos manuais que estavam acostumados pelas ferramentas digitais e softwares, como por exemplo, Redes Sociais, Blogs, *Google Classroom* e *WhatsApp*, nos quais o professor pode compartilhar os conteúdos e atividades com seus alunos e tirar as dúvidas a qualquer momento. Ou seja, faz-se necessário repensar as práticas pedagógicas, metodologias de ensino e os métodos avaliativos, objetivando um ensino atrativo e dinâmico para os alunos do campo, estimulando-os a busca pelo conhecimento.

Considerando essas ferramentas digitais e os softwares para o desenvolvimento das aulas remotas, queremos enfatizar o *WhatsApp*, pois a popularidade desse aplicativo permite que os alunos tenham mais flexibilidade para desenvolver suas atividades, pois não se limita apenas a um espaço físico local ou tempo real, os conteúdos podem ser acessados a qualquer tempo, o professor com mais flexibilidade e disponibilidade para atendê-los, interagir no grupo, compartilhar ideias, tirar dúvidas e ainda pode promover o atendimento individualizado para o aluno do campo.

Diante do momento atual educacional, frente aos novos desafios e nova forma de aprender, a instituição deverá instigar a inclusão do celular como recurso tecnológico, tendo em vista, que é uma ferramenta do cotidiano da maioria dos alunos, envolver o ensino num ambiente prazeroso e transformar as estratégias de forma a contemplar as necessidades de aprendizagens de cada sujeito.

Além disso, essa nova possibilidade de ensino e aprendizagem proporciona a interação e fortalecimento dos professores com a família e os alunos, passando a conhecer e vivenciar as experiências do seu público, conseguirá subsídios para fazer seu planejamento e atuar dentro do contexto. Assim, os professores podem aperfeiçoar o conhecimento usando os recursos tecnológicos, melhorar a prática pedagógica, desenvolvendo estratégias para aplicar atividades, jogos, textos para leitura deleite, entre outros.

Ressaltamos que, o uso do aparelho celular ou das redes sociais para desenvolvimento das aulas remotas não é uma solução para sanar todas as necessidades, mas é um caminho que possibilita o processo de ensino e aprendizagem, ameniza os prejuízos com a falta de interação presencial, o auxílio do professor é essencial para acompanhar, interagir, compartilhar, e mediar

as informações de forma positiva. Pois, é o professor que apresenta os conteúdos, explica e corrige as atividades desenvolvidas, de forma online e xerocopiadas. Bem como, motiva-os a participarem no horário de estudo no grupo e também modo home office.

O uso das tecnologias no ensino remoto mediando o processo de ensino e aprendizagem trouxe a frente às exclusões digitais em algumas escolas, principalmente na zona rural, onde os estudantes não possuem acesso à internet e/ou não tem ferramentas tecnológicas suficientes, dificultando ainda mais a adaptação ao novo ensino. Nesse sentido, para os alunos que se enquadram nesse perfil o professor precisa enviar e receber as atividades impressas, e na maioria das vezes este aluno não tem acompanhamento dos familiares na realização das atividades, resultando no retardamento do seu desenvolvimento. Mediante a esta situação ao qual o mundo se encontra, o professor fica impossibilitado de dar um feedback a este público.

A maior preocupação diante da pandemia é exatamente encontrar possibilidades e estratégias para reduzir os efeitos negativos do isolamento temporário, mas precisamos ficar atentos às evidências que nos indicam lacunas de diversas naturezas que certamente serão criadas pela falta da interação presencial (VALLE; MARCOM, 2020, p. 147).

Dessa forma, os alunos impossibilitados de acesso à internet necessitam de uma atenção diferenciada, de forma a amenizar os efeitos negativos do isolamento social e da exclusão digital. Para isso, os professores precisam desenvolver práticas pedagógicas que possam incluir esse público, como por exemplo, fazer ligações telefônicas, trabalhar com materiais impressos e até mesmo, em último caso, fazer visitas domiciliares tomando todos os cuidados e recomendações de prevenção ao Coronavírus.

Portanto, o professor deve estar aberto às mudanças, buscar meios para inovar, ser flexível e adaptar as aulas a realidade dos alunos, tornando-as mais dinâmicas, atrativas e interativas. Sendo assim, o professor é indispensável no processo de ensino e aprendizagem, responsável por mediar informações e instigar o aluno na construção do conhecimento.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A metodologia pautou-se por uma abordagem qualitativa, pois de acordo com Oliveira (2007, p. 60), a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como “[...] um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade”. Nesse

sentido, a pesquisa qualitativa é considerada como análise de dados sem uso de instrumentos estatísticos, ou seja, esta é caracterizada pela qualidade da informação extraída e não pela quantidade.

Considerando as especificidades do nosso objeto de estudo, a pesquisa desenvolvida neste trabalho é do tipo pesquisa exploratória. Conforme Gil (2009, p. 41):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipótese. Pode-se dizer que estas pesquisas têm por objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Portanto, a pesquisa exploratória inicia-se pelo levantamento bibliográfico, este proporciona o embasamento teórico para compreender como extrair as informações e analisar os dados, contribuindo para aproximar o pesquisador com o problema, instigar a busca de informações e aperfeiçoar as intenções problemáticas.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Manoel Procópio de Araújo, está localizada no Distrito do Socorro, Zona Rural do município de Olho D'Água/PB.

Esta instituição foi fundada no ano de 1987, iniciando as práticas educacionais em 1988 para atender alunos do antigo primário (Pré a 3^o série). Em 2001, a escola foi ampliada com mais duas salas de aulas e depósito para merenda escolar, para atender uma clientela da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Em 2009, foi ampliado o prédio e implementado os anos finais do Ensino Fundamental, sendo designados os professores concursados para os anos iniciais do Ensino Fundamental para lecionarem os componentes curriculares dos anos finais do Ensino Fundamental.

A decisão de centrar a investigação nesta escola foi intencional, considerando que a pesquisadora já atuou como professora de Matemática nessa instituição, entre os anos de 2009 a 2012 e atualmente atua como coordenadora pedagógica da Educação do Campo, nesse sentido, manifestou interesse em analisar *in loco* as práticas pedagógicas em tempos de pandemia dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A referida escola funciona no período matutino, oferecendo da Educação Infantil ao Ensino Fundamental (1º ao 9º Ano). Atualmente estão matriculados na instituição 149 alunos, distribuídos da seguinte forma: 16 alunos na Educação Infantil, 4 alunos no 1º Ano, 10 alunos no 2º Ano, 11 alunos no 3º Ano, 18 alunos no 4º Ano, 14 alunos no 5º Ano, 24 alunos no 6º Ano, 25 alunos no 7º Ano, 15 alunos no 8º Ano e 12 alunos no 9ª Ano. Os alunos são oriundos da comunidade Distrito do Socorro e sítios vizinhos (Formosa, Riacho do Meio, Pedra D' água, Cedro, Boqueirão, Riacho dos Currais e Tomás).

Os recursos humanos dessa instituição são compostos por 27 funcionários, sendo 1 gestor, 1 secretário, 16 professores, 5 auxiliares de serviços gerais, 3 merendeiras e 1 vigia. A maioria dos funcionários são do quadro estatutário da Secretaria de Educação do município.

Em relação à estrutura física, a escola possui 9 salas de aula climatizadas, 6 banheiros, 1 cozinha, 1 despensa, 1 secretaria, 1 almoxarifado, 1 laboratório de informática e 1 quadra de esportes descoberta para aulas práticas e recreativas.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram cinco professoras que atuam na instituição pesquisada. Quanto à escolha dos sujeitos da pesquisa, utilizamos os seguintes critérios: lecionar nos anos iniciais do Ensino Fundamental e disponibilidade de tempo para participar da pesquisa.

3.4 INSTRUMENTO DA PESQUISA

Utilizamos como instrumento da pesquisa a aplicação de um questionário. Segundo Oliveira (2003, p. 71), este instrumento pode ser definido como “uma série ordenada de perguntas relacionadas a um tema central, que são respondidas sem a presença do entrevistador”. O questionário foi composto por dezoito perguntas, sendo cinco questões fechadas e treze questões abertas (ver Apêndice A).

Ressaltamos que em virtude da pandemia da COVID-19 e a obrigatoriedade do isolamento social, a coleta de dados aconteceu de forma online, ou seja, o questionário foi aplicado em formato eletrônico, enviados pelo aplicativo de *WhatsApp* dos professores o link de acesso, gerado através da ferramenta *Google Forms*.

Nesta etapa, as respostas obtidas pelos sujeitos foram transcritas conforme encontradas nos questionários e com intuito de preservar as suas identidades no trabalho, atribuímos

pseudônimos (nomes de flores) para fazer referências às respostas dos professores, passando a chamá-los de: Amarílis, Gardênia, Lírio, Íris e Tulipa.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi desenvolvida com base na Análise de Conteúdo. De acordo com Severino (2007, p.121), análise de conteúdo é “Uma metodologia de tratamento e análise de informações de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos [...] Trata-se de compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações”. Portanto, a análise de conteúdo é a escolha mais adequada como procedimento de interpretação dos dados coletados no questionário. É essencial buscar embasamento no método que proporcione uma melhor compreensão do discurso dos sujeitos da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisar como as professoras estão desenvolvendo as práticas pedagógicas na Escola Manoel Procópio de Araújo no contexto da pandemia da COVID-19 é de suma importância para as pesquisas em Educação do Campo, pois contribui para a construção de dados e conhecimentos acerca da educação que está sendo desenvolvida durante essa pandemia nas escolas situadas no campo. Nesse sentido, todos os sujeitos da pesquisa são do sexo feminino e apresentam a faixa etária entre 28 e 50 anos de idade. Com relação a formação, Gardênia e Íris são Licenciadas em Pedagogia, Tulipa é Licenciada em Pedagogia e Especialista em Psicopedagogia Institucional, Amarílis está cursando Pedagogia e Lírio possui apenas o Magistério. Em relação ao tempo de experiência no magistério e atuação na escola do campo, Gardênia, Íris, Tulipa e Lírio possuem mais de quinze anos. E Amarílis possui quatro anos. Todas as professoras estão atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Seguindo com os questionamentos, perguntamos se as professoras se identificam com a realidade sociocultural do campo e como isto reflete nas suas práticas pedagógicas. Obtivemos as seguintes respostas:

“Sim. Reflete de forma positiva” (Amarílis, 2020).

“Sim. Busco sempre atividades selecionadas com a cultura e costumes local” (Gardênia, 2020).

“Sim. Busco desenvolver atividades relacionadas com a cultura e costumes locais” (Lírio, 2020).

“Sim. Estudando a curiosidade das crianças em querer saber mais descobrir algo novo” (Íris, 2020).

“Sim. Conhecer a realidade do campo me permite trabalhar de forma clara e objetiva, buscando sempre inserir a minha prática os princípios básicos para a aprendizagem discente” (Tulipa, 2020).

Todos as professoras responderam que “Sim”. A professora Amarílis mencionou que sua identidade sociocultural do campo reflete de forma positiva para o desenvolvimento das suas práticas pedagógicas. As professoras Gardênia e Lírio relataram trabalhar os conteúdos inseridos no contexto sociocultural dos alunos, ou seja, elas propõem atividades que contemplam os aspectos culturais e os costumes locais. A professora Íris ressalta fazer parte do meio sociocultural do aluno, o que lhe permite observar e aguçar a curiosidade para o novo conhecimento. Ao analisarmos a fala da professora Tulipa, percebemos que a mesma considera importante conhecer a realidade do campo, pois contribui para um planejamento sistematizando o conhecimento prévio aos novos conhecimentos.

Nesse sentido, é fundamental o professor conhecer o ambiente e os sujeitos com quem trabalha, ou seja, conhecer os alunos facilita a interação tanto de forma online quanto presencial, e fornece subsídios para planejar e desenvolver o conteúdo de forma organizada e contextualizada. Portanto, compreendemos que as professoras mencionadas refletiram em suas falas conhecer e se identificarem com a realidade sociocultural dos sujeitos do campo e consideram importante esse conhecimento para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Questionamos as professoras como elas caracterizam o ensino remoto. Obtivemos as seguintes respostas:

“Não estava preparada mas procuro fazer o melhor para a aprendizagem dos alunos” (Amarílis, 2020).

“Como uma modalidade importante para evitar a evasão escolar mantendo a rotina da sala de aula de maneira virtual” (Gardênia, 2020).

“Como uma modalidade importante para o aluno manter a rotina da sala de aula em um ambiente virtual” (Lírio, 2020).

“Desafiador” (Íris, 2020).

“Aulas feitas via on-line com o objetivo de manter o aprendizado e estreitando os laços entre professor e aluno” (Tulipa, 2020).

Analisando a fala da professora Amarílis percebemos que ela não compreendeu a pergunta, porém a mesma ressalta que não estava preparada para essa modalidade de ensino, mas procura desenvolver as aulas de forma a contribuir com aprendizagem dos alunos. As

professoras Gardênia, Lírio e Tulipa caracterizam o ensino remoto como aulas que acontecem em ambientes virtuais e que são importantes, pois os alunos mantem as rotinas do ensino presencial. A professora Íris resume com uma palavra, um termo tão complexo, “desafiador”, nessa perspectiva, ela expõe as sensações de medo, angústia, descoberta, sucesso e insucesso que vivência no contexto atual. Esse momento exige atitude, criatividade e criticidade para motivar o aluno a participar das aulas e construir o conhecimento. Acerca desse contexto que as professoras estão vivenciando, Valle e Marcom (2020, p. 141) enfatizam que:

O isolamento social, o trabalho remoto, o uso das tecnologias como ferramentas para mediar o processo de ensino e aprendizagem, as desigualdades no acesso e no uso as tecnologias escancararam as dificuldades que a escola possui de encontrar mecanismos para proporcionar aos alunos as possibilidades de interação e incluí-los no processo ensino-aprendizagem e, por conseguinte, implica em encontrar formas eficientes de aprender, escancarando as dificuldades que a escola tem de adaptar-se às novas rotinas.

Nesse sentido, percebemos que o papel da escola vai além do espaço físico, é necessário o trabalho coletivo para sanar as dificuldades que acarretaram mais exclusão social dos alunos por falta de acesso aos recursos tecnológicos. Essa pandemia proporcionou mudanças radicais na vida de todas as pessoas, muitas inquietações no início para toda a comunidade escolar, os professores tiveram que mudar todo seu planejamento, reinventar as metodologias de ensino e ir aperfeiçoando ao longo do processo. Vale salientar que mesmo com todos os esforços da gestão escolar, equipe pedagógica e professores, são visíveis às dificuldades e prejuízos educacionais nesse período pandêmico.

Ao indagarmos as professoras como elas planejam as aulas para o ensino remoto, e quais estratégias de ensino estão utilizando para o desenvolvimento do ensino remoto, obtivemos as seguintes respostas:

“Procuro conteúdos que seja acessível para todos. Através de vídeos aulas pelo grupo do WhatsApp” (Amarílis, 2020).

“Minhas aulas são planejadas de acordo com o nível da turma. Vídeo aula, atividades xerocopiadas aulas explicativas dialogadas” (Gardênia, 2020).

“Com pesquisas e utilizando os livros didáticos. Vídeo, atividades via whatsapp e pesquisa” (Lírio, 2020).

“Através de pesquisas no Google, no Youtube, atividades xerocopiadas, o livro didático e principalmente a participação da família” (Íris, 2020).

“Atividades com recursos técnicos, textos, atividades de interpretação, atividades complementares. Aulas via whatsapp, atividades impressa e aulas explicativas e vídeos aulas” (Tulipa, 2020).

Ao analisarmos as falas das professoras constatamos que Amarílis planeja as aulas pensando de forma igualitária para todos os alunos, ou seja, ela propõe atividades que os mesmos consigam desenvolver sem a sua presença. E as aulas estão acontecendo através de vídeos aulas postadas no grupo do *WhatsApp*. Gardênia planeja as aulas de acordo com o nível da turma, utilizando vídeos aulas, atividades xerocopiadas e aulas explicativas dialogadas. Já Lírio planeja as aulas com pesquisas e utilizando os livros didáticos, exibindo vídeos e atividades postadas no *WhatsApp*. Íris planeja suas aulas através de pesquisas no *Google*, no *Youtube*, atividades xerocopiadas, o uso do livro didático e enfatiza principalmente a participação da família no processo de ensino e aprendizagem. Por sua vez, a professora Tulipa utiliza os recursos tecnológicos para planejar as suas aulas, e as mesmas estão acontecendo através do *WhatsApp*, atividades impressas e vídeos aulas. Segundo Valle e Marcom (2020, p. 146), é evidente que:

O professor precisa criar alternativas para conseguir dar conta das demandas que se apresentam, especialmente no uso das tecnologias para mediar o processo de ensino e aprendizagem, buscando desenvolver e experimentar diferentes propostas para tornar este processo mais próximo das condições que possibilitem ao aluno apropriar-se do conhecimento sem a interação a que estavam acostumados com o ensino presencial, criando outras formas de intervenções igualmente qualificadas.

Diante deste contexto atual, os professores se permitiram (re)conhecer e adaptar-se ao uso dos recursos tecnológicos como instrumento para desenvolver as aulas de forma remota, não é fácil atender as necessidades de todos os alunos diante desse cenário, o professor não planeja as aulas pensando somente no aluno, mas também na família que é quem o acompanha na execução das atividades. Bem como, replanejar, alinhar os conteúdos para os alunos sem acesso à internet, sem aparelhos celulares e/ou aparelhos insuficientes para atender as necessidades.

Perguntamos as professoras se no ensino remoto elas conseguem articular os conteúdos escolares com a realidade dos alunos. As respostas foram:

“Sim. Procuo atividades que todos possam fazer sem dificuldades porque o professor não está presente para auxiliar” (Amarílis, 2020).

“Sim procuro sempre articular os conteúdos de acordo com a necessidade de cada um para que haja um melhor desempenho” (Gardênia, 2020).

“Sim, sempre estou passando atividades dos livros didáticos dos alunos” (Lírio, 2020).

“Sim, muitas vezes modificando as atividades” (Íris, 2020).

“Sim, pois procuro dar ênfase à realidade e às necessidades básicas dos alunos, inserindo no planejamento atividades que venham promover a prática da cidadania” (Tulipa, 2020).

Analisando as falas das professoras, constatamos que Amarílis propõe atividades que os alunos tenham a capacidade de desenvolver sem a presença dela, já que não tem como acompanhar individualmente todos os alunos a distância. Gardênia planeja as aulas de acordo com a realidade dos alunos para melhor assimilação dos conteúdos. Lírio enfatiza que está sempre passando para os alunos atividades do livro didático, para ela, os livros didáticos utilizados condizem com a realidade dos seus alunos. Íris fala que consegue articular os conteúdos a realidade dos alunos, mas modifica diversas vezes as atividades para fazer as adequações necessárias. Tulipa enfatiza a importância de planejar considerando a realidade e necessidade do aluno para introduzir temas que desenvolva a capacidade crítica, ativa e participativa no meio à qual está inserido.

De acordo com Freire (1996, p. 25), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Assim, ensinar é o meio que o professor utiliza para instigar o aluno a desenvolver habilidades e hábitos essenciais para a construção do próprio conhecimento. Ou seja, o professor propicia alternativas em que o aluno aprenda a criar estratégias para buscar soluções, desenvolver o hábito de leitura, escrita e pesquisa. Nesse sentido, é necessário que o professor tenha um novo olhar, utilize a curiosidade de investigação para as novas possibilidades de pesquisas, buscar informações em diversas fontes confiáveis, utilize o livro didático como suporte, complemento, mas não fazer deste o único veículo de ensino. Bem como, analisar e adaptar o conteúdo do livro didático ao contexto sociocultural do aluno.

Questionamos as professoras se elas receberam algum suporte pedagógico da instituição em que trabalham, elas responderam:

“Sim. Sempre está enviando material para serem trabalhado através do ensino remoto” (Amarílis, 2020).

“Sim, das Supervisoras” (Gardênia, 2020).

“Apenas orientações” (Lírio, 2020).

“Sim, somos acompanhadas por coordenador e orientador pedagógico, na qual tem nos ajudado e principalmente tem tirado nossas dúvidas e nos dados forças para seguir juntas. Pois a união faz a força” (Íris, 2020).

“Sim, orientação para o desenvolvimento das atividades e também sugestões” (Tulipa, 2020).

Ao analisarmos as falas das professoras é notório o apoio pedagógico da supervisão e coordenação junto a escola para motivar os professores a proporcionar o ensino remoto de forma a incluir todos os alunos no processo de ensino e aprendizagem, seja por meio do uso de recursos tecnológicos ou materiais impressos. A fala de Íris nos chamou atenção, pois a mesma ressalta a importância do trabalho coletivo que é desenvolvido na escola visando ofertar um ensino remoto de qualidade para os alunos. A professora Lírio difere seu pensamento das colegas, quando fala que recebe “apenas orientações,” nesse sentido, ela não compreendeu a pergunta ou não se sente satisfeita com o trabalho da equipe pedagógica.

O coordenador pedagógico é o sujeito educacional com a função de colaborar com o processo de ensino e aprendizagem na escola, pois auxilia articulando o conhecimento teórico a prática pedagógica dos professores, proporcionando momentos para reunião, diálogos e reflexão sobre temáticas de interesse coletivo, organização de projetos, acompanhamento junto ao professor e o desenvolvimento dos alunos. Segundo Freire (1996, p. 39), “É pensando criticamente a prática de hoje ou ontem, que se pode melhorar a próxima prática”. Nesse sentido, é de fundamental importância o coordenador e professores praticarem a autoavaliação, refletir suas ações e reconstruir novas estratégias que leva ao sucesso profissional.

Perguntamos as professoras se todos os alunos têm acesso as ferramentas digitais utilizadas por elas no desenvolvimento das aulas remotas. Obtivemos as seguintes respostas:

“Não. Porque alguns não tem celular para receber as atividades” (Amarilis, 2020).

“Não porque tem alguns que não tem internet” (Gardênia, 2020).

“Não, tem aluno que não tem internet e muitas vezes um pai tem mais de um filho estudando e possui apenas um celular para todos estudarem ao mesmo tempo fica difícil” (Lírio, 2020).

“Não, mas os alunos que não tem acesso as ferramentas digitais estão participando através de atividades xerocopiada, com a ajuda e a participação da família” (Íris, 2020).

“Sim, os alunos têm acesso à internet, bem como possuem aparelho celular” (Tulipa, 2020).

Ao analisarmos as falas das professoras, ficou evidente que alguns alunos que estudam na instituição não possuem aparelho celular ou conexão de internet para participar das aulas remotas. E, quando possuem ambos é insuficiente para a quantidade de irmãos que precisam utilizar no mesmo horário das aulas remotas. São muitos os desafios que os professores e alunos enfrentam, é necessário que o educador reflita, faça um bom planejamento, seja flexível com os horários de atendimento, compreenda que a família poderá não está apta para acompanhar

os filhos no desempenho das atividades, dessa forma, não excluir aqueles que de certa forma já se sente excluídos, diante dos colegas que tem acesso aos recursos tecnológicos.

É importante o recebimento do material impresso, mas a explicação do professor é indispensável para a compreensão do conteúdo, sendo assim, os alunos sem acesso aos recursos tecnológicos ficam privados da interação online, audição de músicas, leituras deleite e compartilhadas, explicação, dinâmicas e estímulos para construir uma aprendizagem satisfatória. Sendo assim, “é responsabilidade do professor aproximar as interfaces de um fazer pedagógico capaz de se impor às contradições do cotidiano, delineando novos caminhos para avançar e enfrentar dificuldades que se apresentam no contexto escolar” (VALLE; MARCOM, 2020, p. 144).

Nessa perspectiva, o professor é um mediador do conhecimento, precisa criar condições de ofertar o conteúdo de forma motivadora, já que o aluno não consegue interagir no grupo de *WhatsApp*, dialogar e trocar experiência com os colegas. É um desafio para o professor essa duplicidade de planejamento diário, de um lado como trabalhar com estes alunos com material impresso sem o contato físico, visual e/ou auditivo de forma a aguçar a construção de seu conhecimento; do outro, buscar as estratégias para desenvolver a temática com a interação do aluno e/ou da família no grupo de *WhatsApp*.

Questionamos as professoras sobre quais as vantagens e desvantagens do ensino remoto. As respostas foram:

“As vantagens foi o único meio pra não ficar sem estudar a desvantagem porque o aprendizado não cem por cento” (Amarílis, 2020).

“As vantagens são que mantém a rotina da sala de aula evitando a evasão escolar as desvantagens são que nem todos tem acesso a internet não há interação entre professor e aluno” (Gardênia, 2020).

“As vantagens são: manter a rotina da sala de aula e faz com que o aluno não seja tão prejudicado. A desvantagem é que nem todos tem acesso a internet de qualidade” (Lírio, 2020).

“As vantagens e que de alguma forma o aluno não está sendo prejudicado totalmente, e principalmente os pais estão dando mais valor ao professor. As desvantagem é o entrosamento da turma, e a participação de todos em um mesmo horário” (Íris, 2020).

“As vantagens são promover o ensino aprendizagem mantendo o contato entre professor e aluno. As desvantagens são as dificuldades em acompanhar e desenvolver as atividades, pois alguns não tem uma internet de qualidade. Outro ponto é a distância, o contato físico com o professor é muito importante para o desenvolvimento da aprendizagem” (Tulipa, 2020).

Ao analisarmos as falas das professoras Amarílis, Gardênia, Lírio e Iris percebemos que elas não estão satisfeitas com o ensino remoto, pois enfatizam como vantagem manter a rotina

de sala de aula, evitar evasão e o aluno não se prejudicar e como desvantagens, a falta de acesso à internet, interação professor e aluno, e além disso, Amarílis acrescenta que o aprendizado não é cem por cento. É evidente que são inúmeras as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e, dificilmente, a aprendizagem ocorrerá cem por cento, seja na modalidade presencial ou EaD. Íris enfatiza que os pais estão valorizando mais os professores, porque estão tendo a oportunidade de conviver mais tempo e ajudar nas atividades, sendo assim, eles perceberam o trabalho que tem esse profissional para proporcionar, desenvolver e construir conhecimentos, bem como, manter interação dos educandos por quatro horas diárias.

A fala da professora Tulipa nos chamou atenção, pois ela expressa a importância da interação entre professor e alunos para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, e como desvantagens as dificuldades de acompanhar o desenvolvimento das atividades, porque há alunos com internet lenta, e assim não conseguem fazer as atividades de forma síncrona, no mesmo período que os colegas, mesmo assim, entendemos que esta professora vivencia uma realidade diferente das colegas mencionadas acima, pois todos os alunos podem ouvir sua explicação, assistir os vídeos, receber as atividades no grupo de *WhatsApp*, pedir orientações no horário oposto. Com relação a importância da interação no processo de ensino e aprendizagem, Valle e Marcom (2020, p. 141) afirmam que:

Nesse “novo normal” os profissionais da educação precisaram repensar as formas de interação e mediação a serem utilizadas no processo ensino-aprendizagem, uma vez que foram obrigados a se reinventar e promover alternativas capazes de proporcionar aos alunos o acesso ao conhecimento, numa tentativa desesperada de “salvar” o ano letivo.

Nesse sentido, o ensino remoto está sendo considerado como a única alternativa para evitar que haja uma paralisação no sistema de ensino e que os alunos percam o ano letivo, o que desencadeou nos profissionais da educação a necessidade de ressignificar todo o seu planejamento, buscar estratégias que atendam ao seu público nesse momento e acreditar que é possível desenvolver um novo jeito de ensinar e aprender. Percebemos que esse momento de isolamento social trouxe limitações externas e internas, promovendo a inserção da família de alguns alunos com a escola de forma visual, bem como, com o próprio filho, ao parar para assistir as vídeos aulas, ler os textos, confeccionar material concreto educativo, participar das atividades lúdicas e auxiliar no desenvolvimento das atividades. A escola instituiu novas formas de mediação do conhecimento e interação professor/aluno/família.

Perguntamos as professoras quais eram os maiores desafios e dificuldades encontrados por elas no ensino remoto. Obtivemos as seguintes respostas:

“De não está presente para o desenvolvimento de cada um” (Amarílis, 2020).
 “O desafio é fazer com que os alunos consigam absorver no máximo as dificuldades são a falta de internet que na zona rural sempre é fraca” (Gardênia, 2020).

“O desafio é conseguir passar os conteúdos de maneira com que os alunos entendam. As dificuldades são a internet que principalmente no campo onde o sinal é fraco, os alunos não entendem as tarefas e ficam perguntando várias vezes” (Lírio, 2020).

“A minha maior dificuldade é desenvolver as atividades para alguns alunos que ainda não sabem ler (Íris, 2020).

“O compromisso de alguns alunos com relação ao horário, responsabilidade em manter as tarefas em dias e o respeito com relação ao horário das aulas” (Tulipa, 2020).

Ao analisarmos as falas das professoras percebemos que o maior desafio é motivar a aprendizagem do aluno, a professora Amarílis sente necessidade da presença física para acompanhar o desenvolvimento das atividades e o progresso dos alunos. Para Gardênia, o maior desafio é conseguir repassar os conteúdos de forma que motive os alunos a construir o conhecimento e a dificuldade com acesso à internet, pois na zona rural esse sistema é precário, principalmente no período de inverno. A professora Lírio compartilha a mesma linha de pensamento de Gardênia, tendo como desafio a transmissão do conteúdo de forma que os alunos consigam compreender e dificuldade com a internet fraca gerando dúvidas e inquietações, é neste momento das perguntas que surge a interação professor e aluno de forma individual, momento propício para instigar a reflexão sobre o conteúdo. A professora Íris expôs sua angústia para planejar e motivar os alunos que ainda não sabem ler. É um grande desafio trabalhar com as turmas heterogêneas quanto ao desempenho da leitura e escrita, pois gera uma turma multisseriada na mesma série, exigindo do professor um trabalho duplicado para manter o bom desempenho da turma, sem rotular e excluir os que já estão sentindo-se inferior por não ter desenvolvido as mesmas habilidades que os colegas, gerando desestímulo aos mesmos e também ao professor, que sente-se impotente diante da situação.

A professora Tulipa acrescenta a falta de compromisso de alguns alunos para cumprir com as responsabilidades escolares, pois tem casos que são permissíveis por se tratar de dificuldades pessoais, como filhos de agricultores que acompanham seus pais para as tarefas domésticas, outras se aproveitam dessa ressalva para faltar com seus compromissos nos estudos. Fica evidente que a maior dificuldade para trabalhar com ensino remoto é a falta de internet na zona rural, dificultando o acesso aos conteúdos lançados no grupo, tornando insatisfatório o processo de ensino e aprendizagem na Educação do Campo para os alunos com acesso restrito. Segundo Freire (1996, p. 40), “O grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a

necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade”. Nesse sentido, o maior problema e/ou dificuldade do professor é tornar o ensino e aprendizagem acessível a todos os alunos de forma a garantir a construção do conhecimento de forma *home office* para os alunos com e sem acesso as ferramentas tecnológicas, há uma necessidade do aluno com limitações de interação física e/ou virtual, gerando ou não uma educação fragilizada.

Indagamos as professoras se elas estavam preparadas para trabalhar remotamente. Elas relataram que:

“Não” (Amarílis, 2020).

“Não está sendo um grande desafio (Gardênia, 2020).

“Não, está sendo um grande desafio” (Lírio, 2020).

“Ainda estou em adaptação, mas pronta para o novo” (Íris, 2020).

“Não” (Tulipa, 2020).

Ao analisarmos as falas das professoras constatamos que elas não estavam preparadas para o ensino remoto, tendo em vista que esse modelo de ensino surgiu no ano letivo de forma emergencial por conta da pandemia que estamos vivenciando. O momento exige ação/reflexão/ação. Sobre as alternativas de ensino remoto, Valle e Marcom (2020, p. 147) afirmam que:

O professor precisa criar alternativas para conseguir dar conta das demandas que se apresentam, especialmente no uso das tecnologias para mediar o processo de ensino e aprendizagem, buscando desenvolver e experimentar diferentes propostas para tornar este processo mais próximo das condições que possibilitem ao aluno apropriar-se do conhecimento sem a interação a que estavam acostumados com o ensino presencial, criando outras formas de intervenções igualmente qualificadas.

Sendo assim, a responsabilidade do professor é de grande relevância para que a educação possa fluir, ele precisa encarar esse momento difícil como se fosse um teste de resistência com seleção de sujeitos críticos, ativos e participativos na construção de sua própria aprendizagem. Ou seja, esse momento é de descoberta, adaptação e aperfeiçoamento, já que não tiveram tempo para uma formação, porém, estão enfrentando os desafios, se adaptando e aberto para “o novo.” Portanto, cabe aos governantes ofertar formações continuadas sobre a temática em questão.

Por fim, perguntamos as professoras como elas estão avaliando os alunos nas aulas remotas. Obtivemos as seguintes respostas:

“Pela correção das tarefas e através de vídeos” (Amarílis, 2020).

“Através do whatsApp das atividades que vem pra escola” (Gardênia, 2020).
“Através das atividades semanais” (Lírio, 2020).
“Através da participação diária dos alunos no grupo de estudo, leituras compartilhada, e correção das atividades no grupo” (Íris, 2020).
“Através da participação, envio das atividades, a resolução e a participação ativa. Muitos perguntam, questionam, outros não” (Tulipa, 2020).

Ao observamos as falas das professoras, constatamos que elas estão avaliando os seus alunos através das correções das atividades, participação nas aulas, leituras compartilhadas, envio e análise das resoluções das atividades e simulados impressos. É desafiador avaliar os alunos nesse contexto de ensino remoto, uma vez que não tem como o professor acompanhar o processo de desenvolvimento e a forma como a família auxilia seu(s) filho(s) na efetivação das atividades. Sobre a prática de avaliação, Freire (1996, p. 65) ressalta que:

A avaliação é a mediação entre ensino do professor e as aprendizagens do professor e as aprendizagens do aluno, é o fio da comunicação entre formas de ensinar e formas de aprender. É preciso considerar que os alunos aprendem diferentemente porque têm histórias de vida diferentes, são sujeitos históricos, e isso condiciona sua relação com o mundo e influencia sua forma de aprender. Avaliar, então é também buscar informações sobre o aluno (sua vida, sua comunidade, sua família, seus sonhos...) é conhecer o sujeito e seu jeito de aprender.

Assim sendo, a avaliação é o meio utilizado para/pelo o professor para mediar o conhecimento entre si e o outro, ou seja, é necessário ele praticar a autoavaliação e estimular os alunos a praticá-las, bem como conhecer a realidade sociocultural dos alunos, considerar os conhecimentos prévios e as individualidades para compreender que cada sujeito tem o jeito e o tempo para aprender.

Portanto, de acordo com Araújo (2017, p. 37), “a escola tem a função de fortalecer a identidade dos alunos para que eles possam atuar de maneira crítica e autônoma”, sendo assim, é nesta instituição que vemos a esperança das crianças descobrirem os meios de construção do conhecimento e vivenciar as práticas pedagógicas que estimulem uma aprendizagem satisfatória. É nesta perspectiva que Freire (1996) ressalta a importância de conhecer a realidade em que vivem os alunos para tentar identificar o que sabem e como sabem e compreender à maneira como pensa. Assim sendo, constatamos que escola pesquisada está situada no campo, os professores conhecem a realidade e cotidiano dos alunos, mas não se caracteriza como uma escola do campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação do Campo é uma modalidade de ensino voltada para os povos do campo que lutam por uma educação contextualizada com a realidade sociocultural dos sujeitos camponeses. Muitos são os desafios que os professores enfrentam para garantir uma educação de qualidade para os alunos, principalmente no contexto do ensino remoto, pois os mesmos não possuem fácil acesso aos recursos tecnológicos utilizados para o desenvolvimento das aulas remotas.

Os resultados obtidos da pesquisa revelaram que as práticas pedagógicas da Escola Manoel Procópio de Araújo, localizada na zona rural, estão sendo desenvolvidas por meio do aplicativo *WhatsApp*, bem como através de atividades impressas para os alunos que não possuem acesso à internet. As professoras estão utilizando diversas estratégias de ensino, como por exemplo, vídeos do *YouTube*, atividades xerocopiadas, utilização do livro didático, entre outros recursos que garantem o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. As maiores dificuldades nesse contexto das aulas remotas são o isolamento social, com isso, a ausência da interação física, as dificuldades de acesso à internet, bem como a falta de apoio das famílias com relação as atividades propostas para os alunos. Além disso, torna-se impossível proporcionar uma educação que considere a realidade sociocultural dos alunos e o ensino remoto não é uma proposta de educação adequada para a escola do campo, pois não proporciona a mesma condição de ensino para todos os alunos, com isso, alguns sujeitos são excluídos desse processo formativo.

Esses resultados nos fizeram refletir acerca do processo de ensino e aprendizagem dos alunos com e sem acesso à internet, entendemos que os participantes conectados ao grupo de *WhatsApp* junto a família demonstram que a interação, participação e afetividade tende a um bom desempenho escolar, os que recebem atividades impressas sem interação com professor tem mais dificuldades para compreender os conteúdos e, o professor dificuldade para avaliá-los sem acompanhar as estratégias por eles utilizadas no desenvolvimento.

Por fim, esperamos que este estudo possibilite novas reflexões acerca do desenvolvimento das aulas remotas nas escolas do campo, e não temos a intenção de parar esta pesquisa por aqui, pois a partir dela surgiram novos questionamentos que não foram possíveis responder por conta da delimitação dos objetivos da pesquisa. Mas, reafirmamos que temos o desejo de aprofundar cada vez mais os nossos conhecimentos sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto das escolas camponesas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Jefferson Flora Santos de. **O currículo e as práticas pedagógicas (des)contextualizadas da escola no campo do semiárido paraibano**. 2017. 113 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores - PPGPPF) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB 1, de 3 de Abril de 2002**. Institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2004.
- DEMO, Pedro. **Desafios modernos da Educação**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada. In: ARROYO, Miguel Gonzáles; CALDART, Roseli Salete.; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por Uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 133-145.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.
- MACEDO, Marinalva Sousa.; COUTINHO, Adelaide Ferreira. Projeto Político Pedagógico para a Educação Básica no Campo na Perspectiva do Materialismo Histórico Dialético. **Educação e Emancipação, V. 9, N. 1, Jan./jun. 2016**, São Luís, n. 1, p. 38-57, jun. 2016. V.9.
- MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel.; MASSETO, Marcos.; BEHRENS, Marilda (Orgs.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Editora Papirus, 2000. p. 11-65.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa.; CANDAU, Vera Maria. Currículo, Conhecimento e Cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Org.). **Indagações sobre currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 17-45.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- VALLE, Paulo Dalla; MARCOM, Jacinta Lucia Rizzi. Desafios da prática pedagógica e as competências para ensinar em tempos de pandemia. In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A.; MAYER,

L. (Org). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. p. 139-153.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

Estimado professor,

Gostaria que você colaborasse conosco respondendo a este questionário. Ressaltamos que o mesmo é parte integrante de uma pesquisa de campo necessária para a construção do nosso trabalho de conclusão de curso.

Ao participar da pesquisa será mantido o seu anonimato. Sendo importante que você responda com clareza e sinceridade.

Agradecemos a sua valiosa contribuição!

Orientanda: Maria das Neves Tiburtino Leite

Orientador: Prof. Me. Jefferson Flora Santos de Araújo

QUESTÕES

1) Sexo:

() Masculino

() Feminino

2) Idade:

() 18 a 28 anos () 28 a 38 anos () 38 a 48 anos () Acima de 48 anos

3) Formação:

4) Tempo de atuação no magistério:

- Menos de 5 anos
- De 5 anos a 10 anos
- De 10 anos a 15 anos
- Mais de 15 anos

5) Tempo de atuação na escola do campo:

- Menos de 5 anos
- De 5 anos a 10 anos
- De 10 anos a 15 anos
- Mais de 15 anos

6) Qual série/ano você leciona?

- 1º Ano
- 2º Ano
- 3º Ano
- 4º Ano
- 5º Ano

7) Você se identifica com a realidade sociocultural do campo?

8) Como isto reflete na sua prática pedagógica?

9) Como você caracteriza o ensino remoto?

10) Quais estratégias de ensino você está utilizando para o desenvolvimento do ensino remoto?

11) Como você planeja as suas aulas para o ensino remoto?

12) No ensino remoto, você consegue articular os conteúdos escolares com a realidade dos alunos? Justifique.

13) Você recebeu algum apoio/suporte pedagógico da instituição em que trabalha? Se sim, qual foi?

14) Todos os alunos tem acesso as ferramentas digitais utilizadas por você no desenvolvimento das aulas remotas? Justifique-a.

- 15) Quais as vantagens e desvantagens do ensino remoto?
- 16) Quais os maiores desafios e dificuldades encontrados por você no ensino remoto?
- 17) Você estava preparado para trabalhar remotamente?
- 18) Como você está avaliando os alunos nas aulas remotas?